



A Poética da Cidade Poema: Versos que Perpassam os Poetas de São Fidélis

The Poetics of the City-Poem: Verses That Traverse the Poets of São Fidélis

Antonio Roberto Pereira da Silva Júnior

Graduado em Licenciatura em Letras: Português e Literaturas pelo Instituto Federal Fluminense Campus Campos Centro

Resumo: Este estudo busca identificar a poética do município de São Fidélis por meio de poemas produzidos por escritores conterrâneos de diferentes tempos. A poética explorada neste trabalho trata-se da aristotélica que, sob esta perspectiva, serve como apreensão e entendimento de mundo por meio da imitação ou mimese, do real. Assim, por reproduzir o real, mas com criticidade e criatividade propostas na visão de Aristóteles, os artistas podem vir a criar, levando em conta o que existe em suas realidades. Assim, justifica-se buscar a poética de São Fidélis, pois, uma vez este local sendo berço de inúmeros escritores – a ponto de receber a perífrase de “Cidade Poema” – analisa-se a possibilidade deste local influenciar seus autores. À procura dos elementos da poética fidelense, por meio da metodologia de pesquisa bibliográfica, há aqui uma contextualização histórica, geográfica e paisagística do município de São Fidélis, entre outras características do local. Por conseguinte, este trabalho tem seu formato de análise baseado em estudos já sagrados sobre a poética de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira para serem moldes da pesquisa acerca dos textos dos escritores fidelenses a serem investigados. Assim, empregando tal técnica aos autores da região, este estudo busca elementos geográficos, imateriais e tradicionais específicos de São Fidélis que possam ser influenciadores na poética dos escritores do município. Por identificar uma reincidência de características em poemas dos escritores fidelenses, este estudo reconhece elementos suficientes para conceber fortes indícios da existência da poética da Cidade Poema.

Palavras-chave: poética; mimese; São Fidélis; escritores; poemas.

Abstract: This study seeks to identify the poetics of the municipality of São Fidélis through poems written by local authors from different periods. The concept of poetics explored in this work is the Aristotelian one, which, from this perspective, serves as a means of apprehending and understanding the world through imitation, or mimesis, of reality. Thus, by reproducing reality, but with the critical and creative dimensions proposed by Aristotle, artists may come to create while taking into account what exists within their own realities. Therefore, it is justified to investigate the poetics of São Fidélis, since this place, being the birthplace of numerous writers—to the point of earning the epithet “City of Poetry” – raises the question of whether the location itself influences its authors. In the search for elements of fidelense poetics, this study employs bibliographic research methodology and provides a historical, geographical, and landscape contextualization of the municipality of São Fidélis, among other local characteristics. Consequently, the analytical framework of this work is based on well-established studies on the poetics of Carlos Drummond de Andrade and Manuel Bandeira, which serve as models for the analysis of texts written by fidelense authors. By applying this approach to regional writers, the study seeks geographical, immaterial, and traditional elements specific to São Fidélis that may act as influences on the poetic production of the municipality's authors. By identifying recurrent characteristics in the poems of fidelense

writers, this study recognizes sufficient elements to suggest strong evidence for the existence of the poetics of the City of Poetry.

Palavras-chave: poetics; mimesis; São Fidélis; writers; poems.

INTRODUÇÃO

Há lugares ao redor do mundo que vêm a ficar famosos devido à arte. Atena que, entre estátuas e ruínas, carrega em si os registros do tempo e as influências que reverberam mundo afora. Há Hollywood e as estrelas do cinema; Nova Iorque e os musicais da Broadway; Paris e os museus, que são verdadeiros cofres abertos à visitação. Há também o Rio de Janeiro que, como o Rock in Rio, virou sinônimo de música, mas que bem antes já era abrigo do ritmo por meio do carnaval, da bossa nova, do choro. E, não tão longe da cidade do Rio de Janeiro, no interior do estado homônimo, há um lugar que pode ser chamado de capital da poesia: São Fidélis.

Não é equívoco nomear a cidade dessa forma, pois, sua perífrase de “Cidade Poema” atravessa o tempo e influencia a vivência dos seus nativos e daqueles que vêm a conhecer São Fidélis e seus poetas. Localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no Norte Fluminense, os registros da história de São Fidélis têm início no final do século XVIII “[...] quando dois missionários apostólicos Capuchinhos, Pe. Frei Vitório de Cambiasca e Pe. Frei Ângelo Maria de Lucca, foram enviados aos arredores da Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacás [...]” (Palazzolo, 1963, p. 29). Este autor também explana que, dias após a chegada na região, os Capuchinhos subiram o Rio Paraíba do Sul até alcançarem um local que foi chamado de Gamboa, havendo ali o primeiro contato com os indígenas da área e, após este primeiro contato, os freis contaram com a colaboração dos nativos para escolher o local do aldeamento.

De acordo com Carneiro (1988), tem-se que os primeiros a desbravarem a área que veio a ser de São Fidélis tiveram que lidar com constante ameaça dos indígenas da localidade, mesmo que haja registros de que os próprios nativos foram aqueles que solicitaram a ida de sacerdotes para o território. Não por menos, o local, posteriormente, recebeu nome de santo e já no início do século XIX tinha, em sua composição, a majestosa Igreja Matriz de São Fidélis – desde 2022, elevada a santuário diocesano, como sinaliza Gomes (2022).

Apesar das controvérsias relativas às condições da colonização de São Fidélis, é indiscutível a beleza natural do espaço, que não somente agradava aos olhos como também ao cultivo, se mostrando um território bastante fértil, como aponta Malheiros (2008). Por se mostrar um local proveitoso, São Fidélis começou a crescer e sua expansão se deu de forma contínua, até que, em 1870, foi elevada à cidade, vivendo seu momento de máxima suntuosidade até 1888, como sinaliza Palazzolo (1963).

Com o crescimento de São Fidélis, o centro da cidade foi se desenvolvendo e passou a ter um planejado e preservado traçado no local, fazendo com que as ruas lembrassem linhas de poema, sendo então um dos motivos de São Fidélis carregar

a perífrase de “Cidade Poema”, o que foi somado ao fato da cidade deter belezas naturais delineadas por suas montanhas e rios (SESC RJ, 2022, online). Um local notoriamente inspirador fez com que se instalasse uma tradição literária na cidade, passando a haver uma abundância de poetas profícuos, o que também influenciou na manutenção da perífrase de “Cidade Poema”, de acordo com Energia Para Ler (2021).

Contudo, São Fidélis não se restringe ao centro da cidade, pois, como município, é dividido em cinco distritos: São Fidélis (Distrito sede), Ipuca (2º distrito), Pureza (3º distrito), Colônia (4º distrito) e Cambiasca (5º distrito), como sinaliza o IBGE (2023). Pela vastidão de território, São Fidélis é banhado por três rios, sendo eles: o Rio do Colégio, famoso por suas cachoeiras; Dois Rios, que encanta por suas águas plácidas e remansadas; e o Rio Paraíba do Sul, que se destaca por sua vastidão, por cortar o principal perímetro urbano de São Fidélis, colaborando com a beleza natural da cidade, fatos delineados pela Prefeitura de São Fidélis (2017).

O Rio Paraíba do Sul é também o curso d’água traçado por duas pontes do distrito sede, sendo estas a histórica Ponte Metálica, importada da Inglaterra, inaugurada em 1891 e paralelamente, há a Nova Ponte, inaugurada em 2008, ambas ligando o 1º e 2º distritos, como evidencia Lacerda (2018). Outra ponte que corta o distrito sede trata-se da Ponte Preta, inaugurada em 1907, que passou a fazer parte da estrada de ferro da região, substituindo a função ferroviária – em desuso desde o final dos anos 2000 – uma vez desempenhada pela Ponte Metálica antes da inauguração da Ponte Preta, como aponta Mayrink (2023).

O Rio Paraíba do Sul também é cortado por uma ponte ao longo de São Fidélis para além do distrito sede, havendo no 3º distrito a Ponte de Pureza, título relativo ao referido distrito. Ademais, o Paraíba do Sul é também importante para outros municípios, funcionando até mesmo como via de transporte dentro de São Fidélis e de conexão com outras localidades, sobretudo no passado.

Ainda que São Fidélis tenha se expandido e não mais se concentre apenas no centro da cidade com suas linhas de poema em formato de ruas, é possível conceber que a cidade detém a poeticidade de formas variadas, como em suas belezas inspiradoras, em seu vasto número de poetas, seu passado seminal e sua cultura incitante. Esses elementos dão sinais de que são indispensáveis para que haja poesia – sobretudo em seu efeito poético –, o que, por si só, evidencia a pujança poética de São Fidélis.

Contudo, a poética a ser investigada aqui não é a poética como potência, mas sim como elemento(s) presente(s) no fazer poético que, em suas composições, delineiam características próprias de uma determinada poética. À luz da Poética de Aristóteles, sobre mimese, poética e a reprodução do que já existe no mundo empregada na arte, com a técnica inspirada em estudos já sagrados no meio literário feitos sobre a poética de Carlos Drummond de Andrade, por Gledson (1981) e Correia (2002), tal como sobre a poética de Manuel Bandeira, por Arriguicci Júnior (1990) e Almeida (2009), este estudo busca identificar como a realidade fidelense é capaz de influenciar a escrita de seus poetas de modo a fazer com que perpassasse, entre eles, características que evidenciem como viver e/ou ser de São Fidélis é algo capaz de

estabelecer uma poética própria dessa localidade. Mais especificamente, aqui, ao invés de buscar delinear a poética de um só autor, busca-se, então, identificar como São Fidélis é capaz de influenciar no fazer poético de diversos autores.

No intuito de chegar a tais resultados, a metodologia aqui empregada é de pesquisa bibliográfica e, em um primeiro momento, este estudo buscará arguir acerca da poética aristotélica a fim de sinalizar os elementos que compõem a função poética na arte, sobretudo na literatura. Por conseguinte, este trabalho explorará explicações sobre como a poética é algo presente na autoria de poetas, como em Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, por meio de estudos importantes acerca da poética de tais autores. Feito isto, este estudo buscará colocar em voga os textos dos autores fidelenses para serem analisados a fim de grifar as características destes escritores que evoquem a poética de São Fidélis em prol de demonstrá-la e salientá-la como presente e existente. Ao final, será feito um levantamento das principais contribuições dos pareceres efetuados e identificados neste estudo.

MIMESE, POÉTICA E POEMA

Este estudo, por versar acerca de uma cidade real e poetas que pertencem a realidade da cidade em questão, é importante, a priori, esmiuçar acerca da realidade e a arte. Uma forma justa e pertinente de abordar a realidade neste estudo é por meio dos conceitos de mimese e poética de Aristóteles, afinal, este filósofo emprega uma função à *mímesis* um tanto quanto fabulosa, interessante para o ramo da poesia. Entretanto, a mimese não é exclusividade de Aristóteles. Tem-se que Platão tratou acerca da mimese antes de Aristóteles – Aristóteles era aluno de Platão – e que até mesmo antes destes grandes filósofos, a mimese já existia entre os gregos, como apontam Oliveira e Bazzanella (2020).

A relação entre a mimese e a realidade, para Platão, era de cópia da realidade, mas sem a capacidade de uma representação aproximada da verdade, enquanto para Aristóteles a mimese era um processo também de cópia, mas um processo valoroso de aprendizado, de conhecimento e compreensão do mundo, como evidencia Rocha (2025). Nesse sentido, Aristóteles, em sua obra *Poética*, argumenta que:

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações. Uma prova disto é o que acontece na realidade: as coisas que observamos ao natural e nos fazem pena agradam-nos quando as vemos representadas em imagens muito perfeitas [...] A razão disto é também que aprender não é só agradável para os filósofos, mas é-o igualmente para os outros homens, embora estes participem dessa aprendizagem em menor escala (Aristóteles, 2008, p. 42-43).

Assim, na obra baluarte da estética aristotélica, evidencia-se o prazer em produzir cópias, neste caso, da realidade, de forma que ela seja mais aproximada do que é real, de fato. E, não somente, pois ter contato com o que é produzido à luz da realidade é algo que pode também vir a ser prazeroso. Tanto os processos de feitura quanto o de apreciação podem despertar aprendizado. Além do que, mais do que reproduzir o real, a arte revela o possível, pois artistas não se limitam à cópia da existência – são inventores do universo que ultrapassam os limites do real, como argumenta Rocha (2025).

Desse modo, é possível anuir que a realidade, por meio da arte, tem um espaço arejado para que a reprodução do real também seja pincelada de criatividade. E, neste momento, o fazer poético se faz mais latente devido ao fato de caber aos artistas a modulação dessa feitura. Nesse sentido, Araújo (2017) evidencia que:

O conceito fundamental da poética aristotélica [...] refere-se à “imitação” ou “mimesis”. O ato da reprodução mimética está intimamente relacionado ao fazer prático, à execução, à composição artística propriamente dita, e mais do que uma “imitação” daquilo que é visto no mundo real, está atrelado a uma recriação ou uma representação dele, concebida como uma leitura a partir do olhar do artista (Araújo, 2017, p. 112).

Sendo assim, é interessante pensar no fazer poético como algo influenciado por aquele que há de colocar tal fazer em prática, quanto mais se tratando, neste estudo, da arte da poesia como principal elemento. Araújo (2017, p. 112) defende que “[...] quando tomamos Aristóteles como ponto de partida, o conceito de “poética” liga-se mais diretamente àquelas obras cuja matéria-prima é a linguagem em forma de palavra artisticamente escrita, ou [...] palavra “imitada” poeticamente pelo artista [...]”. Desse modo, é possível conceber que a perspectiva aristotélica é adequada para esse estudo, não somente pela fábula presente em sua visão mimética, como também pela importância da palavra para a sua poética.

Mais especificamente sobre a composição da poética aristotélica, tem-se que “[...] a formação de uma poética não se dá apenas a partir dos elementos propriamente literários de sua composição, mas, também, elementos que, destarte, corroboram o ato criador, influenciando-o [...]” (Araújo, 2017, p.113). Logo, os fatores nos quais os autores – que são os viventes da realidade a ser reproduzida – experienciam seus cotidianos, exercem influência na composição de suas artes. Tais fatores podem ser suas residências, elementos geográficos, momentos de suas vidas, entre outras características que fogem a composição especificamente literária.

Sendo assim, Pougeoise (2006, p.7) argumenta que “[...] todo artista [...] busca – conscientemente ou não – a forma ideal na qual fluirá seu pensamento [...]”. Dessa forma, não é demérito do artista buscar ao seu redor, e até mesmo dentro de si, os elementos que farão com que ele delimite sua arte frente ao que é importante para ele mesmo. É possível conceber que até mesmo a não consciência em relação às suas escolhas de composição são válidas. Nesse ínterim, Araújo (2017, p.114) defende que “[...] o “simbolismo” da visão de um artista, suas “imagens recorrentes”, seu “vigor sensorial” e mesmo suas “escolhas formais” não estão desligadas do contexto [...]”.

A exemplo disto, há os estudos de Gledson e Correia acerca da poética de Drummond, respectivamente *Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade* (1981) e *Drummond: A Magia Lúcida* (2002). Entre muitas análises feitas por Gledson sobre as obras de Carlos Drummond de Andrade, na referida obra do estudioso, destaca-se uma certa análise sobre o livro *Brejos das Almas*. Aqui, Gledson evidencia a complexidade interna de Drummond, que por lançar *Brejo das Almas* em um momento de crise, acabou por produzir textos nos quais aparenta vivenciar uma crise tão grande que se confunde com a política da época, tal como com sua vida pessoal e suas crises internas, evidenciando um Drummond sufocado dentro de si e sem perspectiva de respirar fora de si, no mundo.

Já Correia, em seu livro de análise, dissecou inúmeros textos drummondianos, indo aos aspectos lexicais, métricos e linguísticos, mas, de maneira bastante interessante, por vezes, rompe esses aspectos propriamente literários e valora os elementos exteriores ao autor que, aparentemente, influenciam sua composição poética. Ao analisar *Confidência do Itabirano*, Correia, entre muitos elementos, coloca em voga a cidade natal de Drummond e a importância sentimental da localidade para o poeta.

Já sobre Manuel Bandeira, há os estudos de Arrigucci Júnior (1990) e Almeida (2009), respectivamente *Humildade, Paixão e Morte: A Poesia de Manuel Bandeira* (1990) e *"Poética" de Manuel Bandeira: Análise Semiótica* (2009). Em sua obra, Arrigucci Júnior, entre muitas análises, faz reflexões sobre o poema *Boi Morto*, colocando em questão as escolhas lexicais e estilísticas de Bandeira, mas também sua valoração do tempo, do cenário remoto do Pernambuco infantil do autor, do discurso autobiográfico.

Já Almeida (2009) faz uma aprofundada análise sobre o poema *Poética de Bandeira*, evidenciando a força do movimento modernista do texto em questão, o clamor por liberdade, a revolta e o potencial de influência do poema em relação aos demais autores que poderiam vir a se inspirar no texto, tal como a interferência nas produções de seu tempo e posteriores.

Tendo isso em vista, ao evocar os textos fidelenses, serão feitas análises que considerem os elementos aqui já citados e presentes nos trabalhos de Gledson (1981), Correia (2002), Arrigucci Júnior (1990) e Almeida (2009), assim como outros elementos que são mencionados por esses autores e até características que vão além das grifadas por eles. Este estudo utiliza tais fontes como norteadoras, mas, a partir delas, desenvolve-se uma análise própria.

A CIDADE POEMA E SEUS POEMAS

Este estudo irá analisar um texto de cada autor de São Fidélis a fim de sinalizar como, até mesmo, uma só obra de cada escritor pode sinalizar como a Cidade Poema tem a possibilidade de influenciar na composição das produções desses artistas. Os textos selecionados de cada um são apenas alguns entre várias outras produções, dos escritores aqui mencionados, que abordam os elementos de São

Fidélis e/ou o sentimento fidelense. Assim como há muitas outras produções dos artistas aqui mencionados que utilizam São Fidélis para compor suas produções, há também inúmeros outros poetas que produzem na Cidade Poema e que também utilizam de suas experiências fidelenses para escrever poemas.

Entretanto, tendo em vista o fato de o gênero textual deste estudo ter suas limitações, sobretudo de extensão, não é possível elencar todos os poetas fidelenses. Contudo, o fato de os demais autores não estarem citados nesse estudo não é demérito, pois, os escritores que couberam nessa pesquisa, representam a poesia fidelense e sintetizam o espírito da Cidade Poema que permeia, também, os autores aqui não mencionados, afinal, toda tradição literária de São Fidélis e todos os seus escritores reforçam o poderio poético da cidade. Logo, tanto a tradição literária de São Fidélis quanto este estudo não seriam possíveis se todos os escritores fidelenses não compusessem o constructo que faz a localidade ser a Cidade Poema.

O primeiro texto a ser analisado trata-se do poema “Bem-vindo”, publicado no livro Substantivo Abstrato de 1990, com autoria do poeta fidelense Antonio Roberto. O poema “Bem-vindo” de Antonio Roberto (1990) encontra-se a seguir:

Bem-vindo seja quem chega a São Fidélis!
Seja bem-vindo quem vem aqui viver.
Esteja em casa e sinta-se à vontade.
Nós temos muito amor pra oferecer.

Bendito seja luar da minha terra!
Sejam benditas as flores deste chão.
Benditos sejam, agora e para sempre,
minha cidade, minha vida, meu sertão.

O mundo inteiro que tem tanto espaço
não tem um pedaço como este aqui,
que dorme ao som de um rio seresteiro
e tem por travesseiro o Itacolomi.

Por toda parte deste chão sagrado,
em cada povoado, em cada ribeirão,
em cada estrada, em cada cachoeira,
há uma vida inteira de fascinação.

Mas nosso verso não é só poesia
porque chega o dia de perceber

que nesta terra gigantesca e linda
tanta coisa ainda tem que se fazer.

E nosso canto que amor transborda
toda a gente acorda numa grande voz,
para dizer que há um trabalho intenso
e um destino imenso a esperar por nós.
(Roberto, 1990, p.28).

O poema de Antonio Roberto evidencia o sentimento fraterno de ser fidelense. Para além das sensações que a cidade pode vir a causar em quem chega e em quem reside, o eu-lírico cita locais importantes e específicos de São Fidélis, pois, ao mencionar o “rio seresteiro”, faz alusão ao Rio Paraíba do Sul que corta grande parte de São Fidélis, sendo também o principal rio da cidade. O texto menciona também o Itacolomi, sendo este local uma das mais famosas e importantes serras que compõem a cadeia de montanhas de São Fidélis, uma característica marcante da geografia do município. O eu-lírico faz menção aos ribeirões e cachoeiras também, que logo podem vir a lembrar o Rio do Colégio, local famoso por esse tipo de composição geográfica.

Mais uma alusão que Antonio Roberto faz em seu texto é à poesia, que é algo marcante em São Fidélis, mas defende que o município não é apenas poesia, fazendo um chamado para a realidade e para a urgência de pensar em alternativas palpáveis e práticas para que haja a expansão do município. Assim, o autor não somente chama os munícipes e visitantes para um engajamento prático, como também sinaliza que a localidade ainda tem muito a crescer, o que abre para a interpretação de que ele está versando acerca de um local pequeno e interiorano. E, São Fidélis, de fato, é uma cidade pequena e do interior do estado do Rio de Janeiro.

O texto a ser analisado na sequência, trata-se “Travessia” presente no livro póstumo homônimo, de 2018, com autoria do poeta Pedro Emílio. O texto “Travessia” de Pedro Emílio (2018) encontra-se abaixo:

Mira a Ponte, mira o rio, mira o monte...
E, de cima da igreja,
São Francisco parece que verseja...

Manhã de neblina, seguia a tecelã.
A tecelã menina
na menina manhã.

Quando ia, era menina!
Depois de um dia de trabalho,

tantos anos envelhecida,
bordava a Ponte,
em sua dureza metálica,
com os cabelos grisalhos
de féculas de algodão....

Voltava mulher!
(Emílio, 2018, p. 18).

O poema de Pedro Emílio evidencia o cotidiano de uma figura feminina. Em seu texto, é citado o rio que dá indícios de ser o Paraíba do Sul, pois, há menção à Ponte Metálica que, no centro da cidade, tem sua entrada em direção à Igreja Matriz de São Fidélis. Este fato justifica a presença da figura religiosa no texto. O monte também tem um lugar importante na tecitura de Pedro Emílio, pois, a entrada da Ponte Metálica, que fica em Ipuca (2º distrito), é na direção de um dos vários montes que compõem o local. Assim, eu-lírico, no início de seu texto, parece narrar a idade da figura feminina, atravessando a ponte, do centro da cidade rumo à Ipuca.

O texto sinaliza que a profissão da figura feminina é a de tecelã e cita também as “féculas de algodão” e esse fato é bastante relevante para a cidade de São Fidélis, tendo em vista que, durante décadas, houve uma algodoeira em Ipuca, bastante próxima da entrada da Ponte Metálica do 2º distrito. O eu-lírico narra a figura feminina como sendo uma menina quando atravessa a ponte pela manhã e uma idosa quando atravessa de volta ao centro, com os cabelos grisalhos de tanto algodão, o que era algo bastante recorrente entre as mulheres fidelenses que trabalhavam na algodoeira e que, ao fim do dia, tinham seus cabelos já brancos do algodão que se emaranhavam nessas mulheres.

O próximo texto a ser analisado trata-se de “São Fidélis” de J. G. de Araújo Jorge (1969). O poema se encontra na antologia sobre o Rio Paraíba do Sul intitulado O Rio da Minha Aldeia: Memória e Poesia de autoria da fidelense Rita Maria de Abreu Maia (2002), organizadora do compêndio de textos sobre diferentes regiões cortadas pelo curso d’água em questão. O poema “São Fidélis” de J. G. de Araújo Jorge (1969) encontra-se a seguir:

São Fidélis é a cidade de braços abertos!
De braços abertos como quem recebe
num gesto que tudo diz,
de braços abertos, como São Fidélis
no alto da Matriz:

Ninguém chega estranho, ninguém é “novo”
em São Fidélis:
é o doce olhar da moça, o sorriso da criança,

a irradiante cordialidade
do povo,
e, no primeiro instante
o forasteiro pára, e já não tem vontade
de seguir a diante...
Num longo e curvo abraço envolvendo a cidade
o próprio Paraíba se demora
(pronunciando a saudade)
como quem não tem a pressa de ir embora...

São Fidélis (humana ou desumana em suas [raízes?])
São Fidélis da algodoeira, cujo apito
é um gemido lancinante
do lado de lá,
prendendo em seus teares e em seu mundo [asfixiante
operários e operárias que eu gostaria de ver
felizes
“do lado de cá...”

Operários dos pulmões ardendo
e as cabeças embranquecidas pela poeira
do algodão,
como se cada um deles fosse um homem [grisalho
envelhecido precocemente pela jornada
de oito horas de duro trabalho
na Fiação!

São Fidélis, cujo luar vi do alto da ponte
em silêncio
sem poder definir,
um luar que o Paraíba reza, em terço, baixinho
só para o poeta ouvir...

São Fidélis
com seu rio, sua Praça, seu luar,
sua colina, sua ponte, suas mangueiras,

São Fidélis, tranquila, pequenina,
onde se dá um fato singular:

A gente vem de outras terras brasileiras,
chega carioca, bahiano, mineiro, capixaba,
cearense,
e de repente...
sai... fidelense!
(Jorge, 1969 *apud* Maia, 2002, p. 62-63).

O texto de J. G. Araújo Jorge, já em seu título, firma sua relação com São Fidélis, tal como em suas diversas menções ao nome da cidade ao longo de seu poema. Há menção à Igreja Matriz da cidade e à imagem de São Fidélis que paira sobre a igreja, contradizendo Pedro Emílio (2018) que afirma que a imagem que há sobre a Matriz é a de São Francisco. A divergência, por si só, é algo fidelense, pois parece não haver um consenso entre os munícipes que a imagem do santo sobre a Igreja Matriz é de São Fidélis ou de São Francisco. São Fidélis era franciscano, logo, faria sentido ser São Francisco no alto da igreja, mas pela semelhança estética daqueles que pertencem à esta ordem, há quem acredite que aquele que paira sobre a Matriz é São Fidélis, delineando um empasse bastante fidelense.

Além do jeito fidelense de ser e receber quem a cidade chega, no texto de Jorge, é mencionado também o Rio Paraíba do Sul, principal curso d'água da localidade. Na composição do autor, o rio recebe a função de separar o povo entre os moradores do centro da cidade e os de Ipuca, colocando a população do 2º distrito como prejudicada pela presença da algodoeira no local. Isso se daria, sobretudo, entre aqueles que trabalharam na fábrica, já que os moradores do centro, tradicionalmente, eram mais abastados dos que os de Ipuca, o que não faria com que a maioria dos centristas fossem funcionários da algodoeira. O eu-lírico menciona também locais importantes e marcantes na Cidade Poema e delineia que é difícil, quem vem a conhecer São Fidélis, não sair marcado para sempre pelo lugar.

O próximo texto a ser analisado trata-se de “Bela Tarde” de Aracy Ribeiro (2011), presente no livro Poemas da “Cidade Poema”, compilado de textos elaborado por Geraldo Evangelista. O poema “Bela Tarde” encontra-se abaixo:

Bela tarde amena, ventos brandos...
Sentado na muralha, contemplando
a ponte de um carro só... Hoje não tem carro.
Restam saudades de tempos que vão [passando.

O Rio Paraíba, no seu majestoso leito,
desce sereno, guardando em seu bojo histórias

com diversos enredos: tristezas, saudades, [alegrias que têm o céu como testemunha. São histórias sem [fim.

Estou curtindo o final de mais um dia... Lindo!
A tarde vai se afastando, o manto negro da [noite
vem se aproximando, as luzes da cidade se [acendem.
Lá, no céu, surge a primeira estrela sorrindo!

Rio que passa no seu curso, faça-me um favor,
dê um recado ao meu amor; diga que não o [esqueci!
O vento sussurra, então, ao meu ouvido: “Meu [poeta”, essa
Incumbência é minha; sei onde está sua [“Menina”.
(Ribeiro, 2011, p. 17)

O texto de Ribeiro menciona uma tarde agradável tendo a muralha à beira do Rio Paraíba do Sul como cenário. Este é afirmado ainda mais como às margens do Paraíba pelo fato do eu-lírico mencionar que, tem às vistas, a ponte de um carro só, afinal, antes da inauguração da Nova Ponte em São Fidélis, havia apenas a Ponte Metálica, que, estreita, dependia de semáforos para coordenar as idas e vindas de apenas uma mão de cada vez.

O texto alude o eu-lírico como o poeta que há de ser, já que, fidelense, às margens do Paraíba, há de sentir e fazer poesia. E, por fim, o texto esbanja amor, evidenciando o potencial romântico e inaugurando a abordagem amorosa potencial na Cidade Poema.

O próximo poema a ser colocado em voga trata-se “A Ponte dos Namorados”, com publicação em 2012 no livro *Devaneios de Poeta*, de autoria por José Maria Mangia. Desse modo, o texto “A Ponte dos Namorados” encontra-se a seguir:

Sob as luzes prateadas
das noites enluaradas
nesses cento e vinte anos,
quantas juras às suas amadas
foram feitas nas lindas madrugadas
nessa ponte com amor e tantos planos!...

Esta ponte em que outrora passava o trem
com o maquinista amando sua locomotiva [também,
foi um fato que ficou na história da Cidade [Poema,
história que para contá-la, quase não ficou [ninguém...
história de um monumento que outra cidade [não tem.
A ponte dos namorados que para os poetas [serve de tema

Passou a ser “A Ponte de um carro só”,
 como disse o grande poeta em “Os pratos da [vovó”,
 quando dela tiraram o trem.
 Virou local de passeio para os homens de [paletó,
 alguns levavam até seu guardapó?!...
 Tudo isso aconteceu na época do vintém.

Sobre o rio Paraíba, ergue-se a nossa ponte!
 Rio este, que ao sair da sua fonte,
 não imaginava nunca que um dia fosse beijá-la
 e que esse beijo iria ficar no próximo monte,
 e dela ficando a saudade ao atingir o horizonte,
 [quando suas águas se transformam em lágrimas ao deixá-la.
 (Mangia, 2012, p. 102)

O poema de Mangia, já em seu título, evidencia algo que, a esta altura, é possível que já tenha sido concebido como marcante para São Fidélis e sua poética: a ponte. Tendo em vista a idade mais do que centenária da ponte em questão mencionada pelo autor, entende-se que se trata da Ponte Metálica. O amor, mais uma vez, é evidenciado com pujança, agora, no texto de Mangia. O autor também faz uma relação com a longa história da ponte em paralelo com a extensa história de São Fidélis, que vai para além de gerações já passadas.

Neste texto, o escritor utiliza o termo “A Ponte de um carro só” para se referir à Ponte Metálica e evidencia um autor já mencionado neste estudo: Antonio Roberto – tal como seu livro *Pratos da Vovó* (2001). Essa menção à “Ponte de um carro só” dá indícios de ser uma expressão um tanto quanto sagrada em São Fidélis, ao referir-se à Ponte Metálica, afinal, não só Mangia e Roberto fizeram uso dessa expressão, como também Aracy Ribeiro, e quicá tantos outros poetas. Mangia também faz alusão à história da Ponte Metálica, que tinha originalmente a função de ser uma via ferroviária, tal como a história mais longínqua da sociedade fidelense em relação à Ponte Metálica. O eu-lírico também escolhe por dar vida à ponte por, aparentemente, ter sido palco de tantos romances, passou também a ter uma relação amorosa com o Rio Paraíba do Sul, estreitando a relação entre o referido rio e a Ponte Metálica de São Fidélis.

A seguir, há mais um texto a ser analisado. Há o poema “Paraíba” de 2025, escrito por Valdemy Braga e publicado em seu blog *INsanidades*, sinalizando uma forma diferenciada de publicação, fazendo uso da web para disseminar a literatura. A seguir, encontra-se o texto “Paraíba” por Braga (2025):

meu corpo arde
 a boca seca

o vento invade
espalha tristeza

um canto um canto
pra mãe das águas
me encontro em pontos
desaguar

eu vou correr na ponte
eu vou pular da ponte
vou me lavar na ponte
na ponte branca

eu vou correr pra fonte
vou me lavar na fonte
vou benzer na ponte
na ponte branca

para ti para mim
Paraíba vem cá
para me levar

todo dia há um dia pronto pra se viver
dias de alegria, de euforia, de prazer
todo dia é um ponto, um encontro, um cantar
um encontro sem canto não me sei derramar
todas as águas que choro
lá no meu Paraíba vou a alma lavar
(Braga, 2025, online)

Neste texto, já em seu título, o autor faz referência ao que pode ser interpretado como uma alusão ao Rio Paraíba do Sul. Braga (2025) corrobora uma agonia em seu texto e coloca a ponte como um local no qual o eu-lírico pode purgar seu sofrimento. Sinaliza que se trata da ponte branca, referindo-se a cor da pintura da Ponte Metálica de São Fidélis. Assim, mais uma vez, esta ponte se mostra como um elemento relevante para compor a poética fidelense.

Por conseguinte, no poema, há menção às águas que podem ser entendidas como as do Rio Paraíba do Sul. Faz-se, também, importante chamar a atenção para o potencial religioso no texto, afinal, o eu-lírico propõe-se a benzer-se e a fazer um

canto “pra mãe das águas”, que pode ser tanto Nossa Senhora Aparecida – que teve sua imagem resgatada por pescadores, em São Paulo, em 1717, no mesmo Rio Paraíba do Sul – quanto Oxum, mãe da água doce em religiões de matrizes africanas. O texto reforça também a relação íntima do povo fidelense com o Rio Paraíba do Sul, por meio do eu-lírico, que vê neste curso d’água uma fonte de vida e renovação.

O próximo texto a ser mencionado trata-se do poema “Altaneira” de autoria do escritor fidelense Antônio Júnior Persí. A publicação do poema é de 2018 em sua página Poesia de Concreto, tratando-se de um espaço no Facebook no qual o autor tem posts de seus textos colados, com papel e fita, em locais de São Fidélis, sobretudo em paredes. O texto de Persí (2018) encontra-se a seguir:

Acordo no pé de uma montanha
 Oposta a essa, há uma outra estranha
 Olho a minha esquerda e há um morro
 Também há na direita, para onde corro?

Queria correr como corre o rio
 Como correr sem fim se não há frio?
 Consigo ver o rio com suas curvas
 Mas, em qual morro houve as chuvas?

Não chove aqui, pois é sempre quente
 O calor não me deixa ir à frente
 Deve ser assim com a cidade toda
 Só há gente lenta, atrasada e boba

Eu sinto inveja dessas aranhas
 Que conseguem romper as montanhas
 Ter oito pernas deve ser muita sorte
 Com minhas duas, aqui, só penso em morte
 (Persí, 2018, online)

O título do texto já faz relação à São Fidélis, pois, no hino do município, por diversas vezes, a cidade é chamada de Altaneira. O eu-lírico delineia um sufocamento devido ao fato de estar em um local rodeado de morros, que é o caso de São Fidélis, tendo suas montanhas como aspecto geográfico bastante marcante. No entanto, o eu-lírico não versa acerca das belezas das montanhas, mas sim as sinaliza como elementos capazes de prender os moradores no local. Há também menção a um rio, que pode ser entendido como o Rio Paraíba do Sul, afinal, trata-se do curso d’água mais importante da localidade. O eu-lírico menciona também o ambiente demasiadamente quente e também seco, o que confere com a realidade

de São Fidélis, pois trata-se de uma das cidades mais quentes do estado do Rio de Janeiro e que, usualmente, tem longos momentos de estiagem em diferentes períodos do ano. Inclusive, no poema, o calor é tido como um dos motivos do povo fidelense se manter preso na cidade, sem força para ir à frente, tanto para romper as montanhas quanto para cortar determinados atrasos, que podem ser entendidos como más tradições que não deixam a população ir à frente. O pessimismo do eu-lírico é reforçado pelo sentimento de inveja, até mesmo de insetos, como aranhas, que, apesar de serem animais não tão bem quistos por muitos, têm a capacidade de romper as montanhas de São Fidélis, enquanto a morte cerceia o eu-lírico que se sente sufocado por não ter capacidade de se desprender do local. O poema de Persí (2018) rompe a ode à São Fidélis que, até então, se mostrou forte neste estudo, mas amplia as visões poéticas sobre a cidade, pois escancara os olhos dos leitores para outros elementos fidelenses, em uma espécie de antítese, pois nada é totalmente perfeito sempre. Poesia não é só beleza.

Com autoria de Iris Gomes da Costa, o próximo texto a ser analisado encontra-se no livro *Pedras D'água* de 2001, mais especificamente na sessão “Poetar: esfacelar a alma – deliciosamente”. É importante sinalizar que Costa (2001) é a primeira mulher a ter um texto de sua autoria sendo mencionado neste estudo e isso é um reflexo da tradição literária de São Fidélis, sobretudo em meio a poesia, que costuma ser de maioria masculina. Ainda que muitas mulheres tenham sido e sejam importantes para a manutenção da poesia fidelense, este estudo reflete como este cenário aparenta ser mais masculino que feminino. A seguir, há o texto de Costa (2001):

Montanhas recortam o céu
emoldurando a tarde
o trem de ferro corta o chão
deixando no ar
o apito que soa longe

entre a terra e o céu azul
negros urubus

Vento que balança
o flamboyant da minha infância
vento que espalha
minhas folhas pelo chão
vento que venta ventando
a tarde branca das borboletas
que esvoaçam
este poema bobo

numa tarde quente-fresca
de verão
(Costa, 2001, p. 86)

O texto de Costa (2001) delinea as montanhas que são características da geografia de São Fidélis. Ademais, o eu-lírico da autora menciona a malha ferroviária que é um traço marcante na história fidelense. O eu-lírico retoma sua infância ao lembrar do flamboyant, árvore comum de ser encontrada em São Fidélis, quanto mais em áreas verdes. O sentimento de nostalgia encontrado no texto é algo que já se mostrou presente em outros momentos deste estudo.

A menção ao poema e/ou à poesia que o eu-lírico da autora faz também pode ser entendido como uma herança fidelense, o que também ocorre no título da sessão na qual este poema se encontra. O calor, que é uma característica forte de São Fidélis também se mostra presente no texto. Ainda que não haja uma alusão direta a São Fidélis, o texto de Costa (2001) sutilmente alude elementos comuns à cidade.

O próximo texto a ser mencionado trata-se de um fragmento de “Poema Cidade” presente no livro homônimo, de 2017, com autoria de Gustavo Polycarpo. Logo, o texto de Polycarpo (2017) encontra-se a seguir:

nasci na beira do rio
lugar chamado Gamboa

na boa já comecei (a) vibrar
bem novo ouvi o mestre
Alvinho bar do Marreca
daí na vida aprendi a tocar

do índio trouxe o sopro
do negro o atabaque
sotaque bom de balancear
do passarinho o assobio
das águas o seu marulho
mergulho dom musical de agradar

fala de mim clarineta a soar
me faz a fim de um timbre legal
fala de mim desse nosso suor
tocar em fá sem usar si bemol
(Polycarpo, 2017, p. 36-37)

O poema de Polycarpo (2017), em seu título, já faz referência a São Fidélis, afinal, aqui há a citação da perífrase de São Fidélis como sendo “Cidade Poema”. O bairro Gamboa é mencionado e trata-se de um local presente no distrito sede do município, sendo mencionada no texto, parte do bairro que se dá próximo ao rio, neste caso o Paraíba do Sul. O eu-lírico traz elementos marcantes quando se trata de São Fidélis, como o antigo bar do Marreca, local com profusão musical durante anos no município. São evidenciadas também as raízes indígenas tal como, em parte, origens negras que marcam a história da colonização do município.

Ao retratar o “passarinho” e as “águas”, o eu-lírico delineia que foi influenciado por esses elementos abundantemente presentes na paisagem fidelense. Quando trata acerca do “nosso suor”, o eu-lírico tanto coloca em voga o sentimento de pertencimento coletivo presente nos fidelenses como também pode-se entender o elemento suor como advindo do calor costumeiramente marcante em São Fidélis.

O poema que agora será analisado trata-se de “Em Sua Viagem a Caravelas”, presente no livro *Em Trovas* de Jayme Coelho, organizado por Célia Morette Coelho, publicado em 2017. O poema “Em Sua Viagem a Caravelas” encontra-se a seguir:

Por onde eu já andei
Fiz promessas pra voltar
Numa igreja ajoelhei
E voltei pro meu lugar.

São Fidélis dos meus sonhos
Oh, minha terra querida!
Iluminai os tristonhos
Caminhos da minha vida!
(Coelho, 2017, p. 86)

No poema em questão, há o aspecto da espiritualidade, que se mostrou recorrente, tratando-se de São Fidélis e os poemas de seus autores. O saudosismo e a nostalgia relativos à cidade, que também se mostraram presentes em outros poemas fidelenses, voltam a aparecer no texto de Coelho (2017).

Ao mencionar São Fidélis, o eu-lírico parece fazer duas alusões de uma só vez, uma sendo ao santo São Fidélis e outra sendo à cidade de São Fidélis, afinal, o eu-lírico dá indícios de fazer uma prece. Desse modo, a iluminação fica a cargo do santo, mas também da cidade, pois, aparentemente em outro local, o eu-lírico coloca sua cidade natal como uma luz que o guia.

O próximo texto a ser alvo de análise neste estudo trata-se de “Tributo” presente no livro de Thiago Yuri *O Poema Nosso de Cada Dia Nos Dai Hoje*, lançado em 2017. A seguir, há o texto de Yuri (2017):

No intuito maior de educar
A professora Ana Passos deu o primeiro passo
Para a construção do sagrado templo da [educação fidelense].

E assim, sobre luta, cimento e suor,
 Ergueu-se o tão sonhado grupo escolar.
 Batizado de Barão de Macaúbas
 Em homenagem ao bom e velho professor.
 Tempo... Tempo... E tempos...
 Hoje o Barão - meu grupo escolar -
 É tudo o que trago em mim.
 E no meu peito bate um coração mais que [orgulho por isso.
 Ao entrar no colégio,
 Vejo história estória e histórias que se mantêm [vivas
 Nesses mais de um século.
 Se fecho os olhos, vejo um passado que não [vivi
 Moças de tranças, saias perfuradas,
 Afoitas subindo as escadas.
 Para mais um dia letivo.
 Se abro os olhos, volto ao meu presente, e
 Vejo moças de calças jeans
 Cabelos ao vento e ipod nas mãos.
 No seu pátio, Cristo de braços abertos
 Abençoa a todos que por ali passam,
 Um pouco acima, um teatro escondido,
 Onde eu fui vários "eus"
 O mais valente de todos os cavalheiros,
 O mais belo rei dos reinos.
 Ou uma estrela da TV.
 A biblioteca era um mágico portal,
 Seus livros levavam-me
 Aos mais diferentes e belos lugares do mundo.
 Com a cabeça nas nuvens, às vezes esquecia [que tinha
 Os pés presos no chão.
 E por fim o Jardim Marieta,
 Meu mundinho particular
 Onde conheci a primeira professora,
 Tive os primeiros amigos
 Brincava, desenhava, corria...
 O Jardim Marieta era minha Terra do Nunca,

De onde eu nunca deveria ter saído.
 O Barão é tudo isso, tudo que trago em mim.
 Onde a poesia transcende e os sentimentos [transbordam].
 Tudo que sou tudo que fui e tudo que serei,
 Por isso este tributo nunca será poesia,
 Pois o Barão é um poema pronto,
 Poema que me fez poeta
 O primeiro poema pelo qual me apaixonei.
 (Yuri, 2017, p. 28-29)

O texto em questão alude algo similar em outros textos de autores já aqui mencionados, como Antonio Roberto e José Maria Mangia. Estes poetas têm textos que fazem ode a escolas fidelenses. Antonio Roberto, no livro *Pratos da Vovó* (2001), homenageia o Colégio Fidelense em um poema homônimo e José Maria Mangia, na obra *Devaneios de Poeta* (2012), em homenagem aos 100 anos do Colégio Estadual Barão de Macaúbas, o poeta faz uma ode à escola – havendo também outros poemas e outros poetas a fazerem homenagens às escolas fidelenses.

Assim, Thiago Yuri, um contemporâneo destes autores, parece utilizar dessa valorização da educação e das instituições de ensino fidelenses para homenagear espaços onde estudou. Em seu texto, Yuri (2017) não somente faz ode às escolas, como também alude o passado fidelense, algo recorrente neste estudo. A religiosidade também é, mais uma vez, abordada no texto em questão. A reverência à poesia, mais uma vez, se mostra presente neste texto, tal como ocorreu em outros poemas já analisados.

O último texto a ser analisado aqui trata-se do poema de autoria de Nídia Morete de Mattos intitulado “Meu Pensamento” presente em seu livro *Pureza* lançado em 1990. A seguir, há o texto de Mattos (1990).

Meu pensamento é moleque
 Pula e brinca. Que gracinha!
 Quando penso estar aqui
 Rodopia na Laginha.

Sossega, meu pensamento
 Você só vive aos trancos
 Foje de junto de mim
 Pra pairar no Barro Branco.

Pelos matos e nos campos
 Lá vai ele, o maluquinho.
 Bebe água limpa da fonte,

Procura o velho moinho.

Entra lá no cemitério
Romualda, Leôncio Lança,
Seu Lolô, Vovô Amaro...
Lá vai ele em sua andança.

Procura a linda siriba
Cadê o riacho e a horta?
Encontra a enorme figueira
E entra de porta em porta.

Ele porém não se atreveu
A no sobrado entrar
Tinha medo de sofrer
E com saudades chorar.

Ò, vem cá meu pensamento,
A você vou segredar:
Que saudade da criança/
Que saudade do meu lar!
(Mattos, 1990, p. 90).

Este texto está no livro *Pureza* que, em sua maioria, é composto de crônicas relativas a residir em Pureza, 3º distrito de São Fidélis. No entanto, mais ao final da obra, a autora reservou espaço para alguns poemas, sendo um deles *Meu Pensamento*. Um fato interessante é que esta é uma autora que rompe com as composições de poemas produzidos em regiões mais centrais de São Fidélis. Este fato está presente nesta obra. A exemplo disto, há menção à Lajinha que parece ser um histórico espaço da localidade frequentado por banhistas. Barro Branco é um local também mencionado e não fica tão distante da região mais central de Pureza, pertencendo também ao 3º distrito.

O moinho mencionado pelo eu-lírico aparenta tratar-se de uma ruína da época da extração de cana de açúcar presente na região. Um cemitério também é citado, que pode vir a ser o cemitério de Pureza, pois há um local como esse no 3º distrito. O eu-lírico segue referindo-se a pessoas e lugares familiares, o que ocorreu com veemência em outros textos analisados neste estudo, ainda que sua composição tenha rompido com o centro urbano do distrito sede e seus arredores. E, por fim, desemboca em nostalgia e saudade, sobretudo acerca de suas raízes, elementos estes que também se mostraram presentes, se tratando de textos poéticos produzidos por autores fidelenses.

À vista desta análise, e das demais feitas, é possível anuir que o fazer poético dos fidelenses têm diversos elementos que se perpassam, se reutilizam e servem de inspiração. O fato de certas escolhas de espaços físicos para comporem seus textos, assim como a escolha de se inspirar em locais do município para escreverem, faz de São Fidélis um local que se torna marcante nos textos de seus artistas. A imaterialidade, como o sentimento fidelense, a nostalgia e saudade de outrora também se mostram corriqueiramente presentes nos textos dos poetas de São Fidélis.

E, não somente, pois a presença do sagrado, a valorização das escolas e o enaltecimento da tradição poética da cidade também se mostram como características marcantes entre as obras dos autores fidelenses analisados aqui, criando memória e estimulando a manutenção do poderio cultural do município. Portanto, São Fidélis mostra fortes indícios de ser um local que tem em si uma poética própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou contextualizar a história, a realidade e demais elementos fidelenses de forma a delinear São Fidélis como a “Cidade Poema”, tal como sua perífrase busca estabelecê-la. Para isso, este trabalho assentou alguns dos principais aspectos que fazem com que a tradição da poesia cerceie a existência de São Fidélis, como suas ruas em formatos de linhas de poema, do mesmo modo que o fato de diversos escritores que advêm dessa localidade, tal como a existência das belezas naturais do município serem elementos que podem servir como fonte de inspiração.

A investigação feita neste estudo, com metodologia de pesquisa bibliográfica, se deu a fim de identificar a poética de São Fidélis, pois, por ser um local marcante se tratando de literatura, buscou-se identificar como esse território pode influenciar na composição criativa e artística de seus autores, à luz da poética pela perspectiva estética de Aristóteles.

Este filósofo grego defendia que imitação, ou mimese, era uma forma rica de apreender o mundo e entendê-lo. Assim, o fazer artístico não estaria desassociado da realidade. Logo, percebeu-se que assim que um artista compusesse uma obra, ele estaria espelhando tanto o mundo a seu redor quanto o seu mundo individual. Esse balizar entre a realidade e a possibilidade compor arte sob a luz do que já existe, mas com a possibilidade de pincelar sua criatividade sobre o que é produzido, pode ser entendido como poética aristotélica. Sendo assim, evidenciou-se que a realidade não está descolada do fazer artístico, justificando como ser ou pertencer a um determinado local pode ser importante e presente nas obras produzidas pelos artistas.

Assim estudos elaborados por Gledson (1981) e Correia (2002) sobre a poética de Carlos Drummond de Andrade, tal como pesquisas feitas sobre a poética de Manuel Bandeira, por Arrigucci Júnior (1990) e Almeida (2009), serviram como

norteadores para as análises executadas sobre os textos de poetas fidelenses neste trabalho.

Após a análise e as observações colhidas acerca da produção de artistas fidelenses, foi possível notar uma complexa teia de elementos, dialogando e se remodelando. As escolhas dos cenários e as paisagens do município são fontes de inspiração, mostrando São Fidélis em papel central nas obras. A cidade não é mera tela, é um território sentimental, ganhando forma nas palavras e imagens dos poetas, criando memória.

Neste estudo foi possível perceber temas peculiares à composição dos poemas fidelenses, são temas que retornam, acentuando a identidade coletiva, a nostalgia, a saudade do tempo ido e certo apego à tradição. A presença do sagrado, a valorização das escolas e a exaltação da herança poética fidelense revelam laços fortes entre arte, cultura e comunidade. E mesmo quando houve uma não anuência em relação à cidade sob uma perspectiva apenas positiva, utilizou-se de elementos característicos de São Fidélis para isso.

Portanto, tendo estes pareceres em vista, foi possível concluir que a poesia fidelense não meramente espelha o meio onde surge, mas também a ressignifica, construindo uma poética singular que transforma São Fidélis em um berço de criação, preservação e manutenção simbólica da sua identidade cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. C. de. **“Poética”, de Manuel Bandeira: análise semiótica.** Revista Do GEL, 6 (2), 140–159, 2009.

ARAÚJO, G. A. **Poética(s): A Criação Artística em Fricção com o(s) Tempos Presente(s).** Cena, (23), 111–120, 2017.

ARAÚJO JORGE, J. G. de. Texto in: MAIA, Rita Maria de Abreu (Org.). **Rio da minha aldeia: memória e poesia.** Campos dos Goytacazes: CEFET Campos; ECOS Rio Paraíba, p. 62-63, 2003. (Apud PACHECO, 1969).

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira.** São Paulo: Companhia das Letras. 1990. Acesso em: 24 set. 2025.

ARISTÓTELES. **Poética. Tradução e notas de Ana Maria Valente, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira.** 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, (Coleção Textos Clássicos), 2008.

BRAGA, Valdey. Paraíba. **Insanidades.** Disponível em: <https://insanidadesdevaldey.blogspot.com/search?updated-max=2025-08-22T03:34:00-03:00&max-results=5&start=25&by-date=false>. Acesso em: 21 set. 2025.

CARNEIRO, Aurêncio Pereira. **História de São Fidélis.** Niterói: Biblioteca de Estudos Fluminenses. Série Didática. Imprensa Oficial, 1988.

COELHO, Jayme. **Em sua viagem a Caravelas.** In: COELHO, Célia Morette

(Org.). Em trovas. São Fidélis: Clube dos Autores, p. 86, 2017.

CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond: A Magia Lúcida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

COSTA, Iris Gomes da. **Poetar: esfacelar a alma – deliciosamente**. In: _____. Pedras D'água. Belo Horizonte: Edições Cuatiara LTDA, p. 86, 2001.

EMÍLIO, Pedro. **Travessia**. In: _____. Travessia. São Fidélis: Editora Católica de Petrópolis, p. 18, 2018.

ENERGIA PARA LER. São Fidélis – **Energia para Ler**. Disponível em: <https://energiaparaler.com.br/sao-fidelis/#:~:text=S%C3%A3o%20Fid%C3%A9lis%20%E2%80%93%20Energia%20para%20Ler,ainda%20%C3%ADmpar%2C%20completou%20200%20anos>. Acesso em: 16 ago. 2025.

IBGE. **Biblioteca IBGE – catálogo de publicações**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31774&view=detalhes>. Acesso em: 19 ago. 2025.

GLEDSOON, John. **Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

GOMES, Ricardo. **Matriz de São Fidelis elevada a Santuário Diocesano**. Disponível em: <https://www.vaticannews>. Acesso em: 21 ago. 2025.

LACERDA, Nelzimar. **Nova Ponte**. São Fidélis – RJ. Disponível em: <https://www.saofidelisrj.com.br/nova-ponte/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

LACERDA, Nelzimar. **Pontos turísticos**. São Fidélis – RJ. Disponível em: <https://saofidelis.rj.gov.br/pontos-turisticos/#:~:text=Com%20corredeiras%2C%20quedas%20e%20%C3%A1gua,a%20pr%C3%A1tica%20de%20esportes%20radicais>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MALHEIROS, Márcia. **Homens da fronteira**. Índios e capuchinhos na ocupação dos sertões do Leste, do Paraíba ou Goytacazes. Séculos XVIII-XIX. Niterói: UFF, Tese de doutorado, 2008.

MANGIA, José Maria. **A ponte dos namorados**. In: _____. Devaneios de Poeta. São Fidélis: Sala de Ensaio, p. 102, 2012.

MATTOS, Nídia Morete. **Meu pensamento**. In: _____. Pureza. Niterói, p. 90, 1990.

MAYRINK, Amarildo. **Estação São Fidélis: uma cidade, três estações**. Disponível em: <https://otremexpresso.blogspot.com/2019/11/estacao-sao-fidelis-saindo-da-regiao-da.html>. Acesso em: 21 ago. 2025.

O NORTE FLUMINENSE. **Pureza: uma preciosidade no interior de...** Disponível em: <http://onortefluminense.blogspot.com/2015/06/pureza-uma-preciosidade-no-interior-de.html>. Acesso em: 20 ago. 2025.

OLIVEIRA, T. M. de, & BAZZANELLA, S. L. MIMSE, VEROSSIMILHANÇA E **CATARSE: contribuições de Aristóteles aos estudos literários**. Revista Húmus, 10 (29), 2020.

PALAZZOLO, Jacinto de. **História da Cidade de São Fidélis: 1781–1963: fundada pelos missionários capuchinhos Frei Ângelo de Lucca e Frei Vitório de Cambiasca**. Rio de Janeiro: Convento dos Padres Capuchinhos, p. 263, 1963.

PERSÍ, Antônio Júnior. Altaneira. **Poesia de Concreto**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=709682912701456&set=a.709682949368119>. Acesso em: 23 set. 2025.

POLYCARPO, Gustavo. **Poema Cidade**. In: _____. Poema Cidade. Rio de Janeiro: Multifoco, p. 36-37, 2017.

POUGEOISE, Michel. **Dictionnaire de poétique**. Paris: Éditions Belin, 2006.

RIBEIRO, Aracy. Bela tarde. In: _____. **Poemas da Cidade Poema**. São Fidélis: Sala de Ensaio, p. 17, 2011.

ROBERTO, Antonio. Bem-vindo. In: _____. **Substantivo abstrato**. Itaperuna: Editora Damadá, p. 28, 1990.

ROBERTO, Antonio. Colégio Fidelense. In: _____. **Pratos da Vovó**. Campos dos Goytacazes: Inter G Comunicação, p. 297-298, 2001.

ROCHA, Leandro. **A arte em Aristóteles: mimese, catarse e conhecimento**. Oficina. Disponível em: <https://www.oficinareserva.com/the-post/a-arte-em-aristoteles-mimese-catarse-e-conhecimento/p>. Acesso em: 4 set. 2025.

SESC RJ. **Você conhece São Fidélis?** | Sesc RJ na Estrada | Temporada 2. YouTube, 16 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UzmcVqHkCoA&t=18s>. Acesso em: 22 ago. 2025.

YURI, Thiago. Tributo. In: _____. **O poema nosso de cada dia nos dai hoje**. Rio de Janeiro: Multifoco, p. 28-29, 2017.